

Letrário**editora*

Cachorro Abandonado

Davi Boaventura

Julho de 2009



Se eu tivesse parado pra pensar, não ia ter coragem de dizer o que eu tava pra dizer. Não era das ideias mais corretas, não, não era. Só podia ser ideia de mulher besta, querendo dar troco pra sociedade. E eu lá sou homem de ligar pra sociedade! Ela nunca me deu nada e, se tivesse dado, ia pedir minha alma di pagamento. Veja bem, não é caso de ser anarquista ou comunista ou capitalista. Nunca nem entendi essas coisa de intelectual. É problema de realidade. Todo dia, eu acordo às três da manhã, preparo meu café em uma meia velha, tomo banho de cuia e vou de bicicleta pro serviço. Passo oito horas dirigindo dentro dum ônibus quente, levando buzina na orelha, cheirando escapamento de carro antigo e, se eu tomar multa, cortam de minha merreca. Isso quando não tem assalto. Uma vez, eu rodando de noite, um malandro desses aí meteu um trabuco na minha cabeça. Disse que, se eu parasse o buzú, ia meter duas bala ni minha testa, que ia quebrar passageiro, que ia matar Martinez, o cobrador, amigo desde os tempo de colégio. Fiquei lá suando frio, rezando pra Ave Maria tomar conta de meu corpo depois do sepultamento, até que um tenente reformado puxou uma arma e mandou três tiro no ladrão e no outro comparsa dele. Mas não é questão só minha, pessoal, não. Tem companheiro em situação pior. Jurandir mesmo lá da Baixa do Fiscal passa por tudo o que eu passo e ainda precisa trabalhar de garçom em restaurante de grã-fino pra poder dar comida prós cinco filho. Maria Lúcia, Merval, Marinaldo, Marleide e Márcia Cristina. Duas delas já embucharam num sei quantas vezes e tiveram que tomar chá concentrado de Artemísia pra botar pra fora. Se deu certo? Funcionar, funcionou, mas não sei se foi pelo chá ou pela encomenda que fizeram na encruzilhada porque, você sabe, esse negócio de ebó levantava até defunto se eles não tivessem medo dos vivo. O fato é que eu devia ter pensado antes. Agora ela tava ali esperando uma resposta, me olhando com aquela cara de cachorro abandonado, olho apertado e cheia de creme hidratante lhe melando o cabelo preto feito carvão. Tudo bem. Eu caso.

Fim

Davi Boaventura é estudante de Jornalismo. Nasceu e cresceu em Salvador, onde se envolveu com fotografia, rádio e literatura. Atualmente, finaliza o seu primeiro romance.

Letrário* *editora*

Az. Torre do Fato, 2 A, 1600-298 Lisboa

http://www.letreiro.pt/1_pt/900/9002.htm

+ 351 21 711 20 20

letreiro@letreiro.pt